

MUSEU FREI GALVÃO ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ

1972 - 50 ANOS - 2022

CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

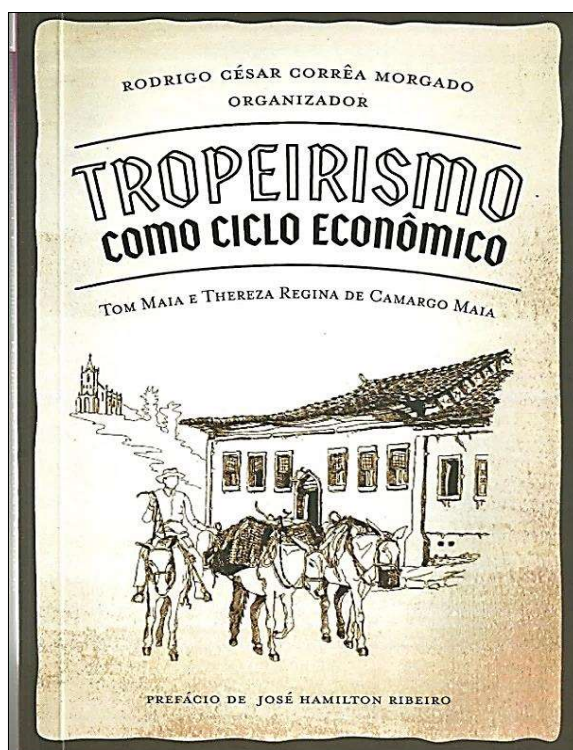
Pç. Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar - Centro - Tel: (12) 3122-3674

www.casadefreigalvao.com.br / museufreigalvao@yahoo.com.br

2022

nº 352

CAMINHOS & TROPEIROS



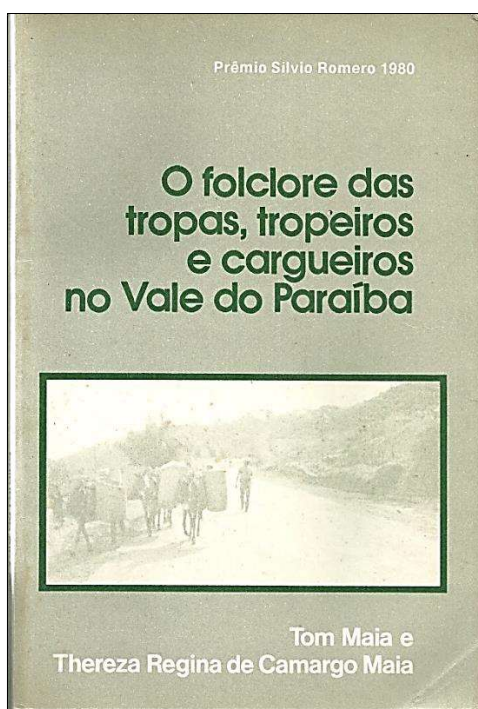
Foi publicado neste ano de 2022, como realização do Museu Frei Galvão, da Confraria de Cavaleiros de Frei Galvão e do Santuário Frei Galvão, com o apoio dos Tropeiros Vale das Tropas, da Conexão Bela Vista – Luiz Lamar, do Rancho dos Tropeiros, de Teberga & Fernandes e de Pagotti agrícola, o **livro TROPEIRISMO COMO CICLO ECONÔMICO**. A organização é de Rodrigo César Corrêa Morgado, o prefácio é de José Hamilton Ribeiro.

A obra reedita – 40 anos depois – **“O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba”**, de Thereza Regina de Camargo Maia e Tom Maia, livro que recebeu o Prêmio Nacional Silvio Romero - 1980.

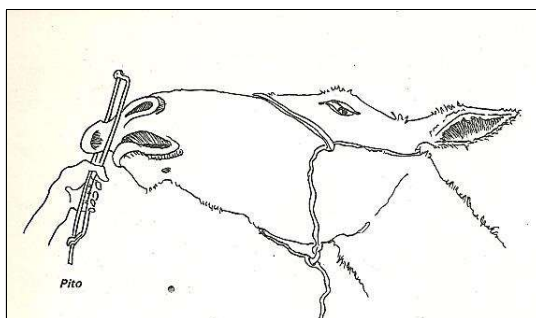
Segundo o Prefácio de José Hamilton Ribeiro (repórter especial do programa da TV Globo, Globo Rural), o forte do texto *“é a história de tropas e tropeiros, desde que essa importante forma de transporte de cargas se impôs, com a descoberta do ouro nos sertões de Cuiabá e Minas. Além da História das tropas, em âmbito nacional, temos também a relação de Guaratinguetá com elas”*. Organizador da obra, Rodrigo Morgado registra na cidade, a Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito, vinda do século XVIII, a Confraria de Cavaleiros de Frei Galvão, da qual foi seu primeiro presidente e fundador. Quanto aos **caminhos**, o autor percorre as vias principais e secundárias, o caminho de São Tomé, as paradas e registros, a presença do cão na tropa, a feira de Sorocaba, o Caminho Velho entre Minas e Paraty, as missões e seus sete povos, e o famoso caminho do Peabiru – também conhecido como dos Incas. *“O folclore afirma que seu construtor foi o semideus*

Sumé, corruptela para São Tomé (o apóstolo de Cristo), que teria caminhado pelas paragens, ensinando ou cristianizando os nativos” (p.61).

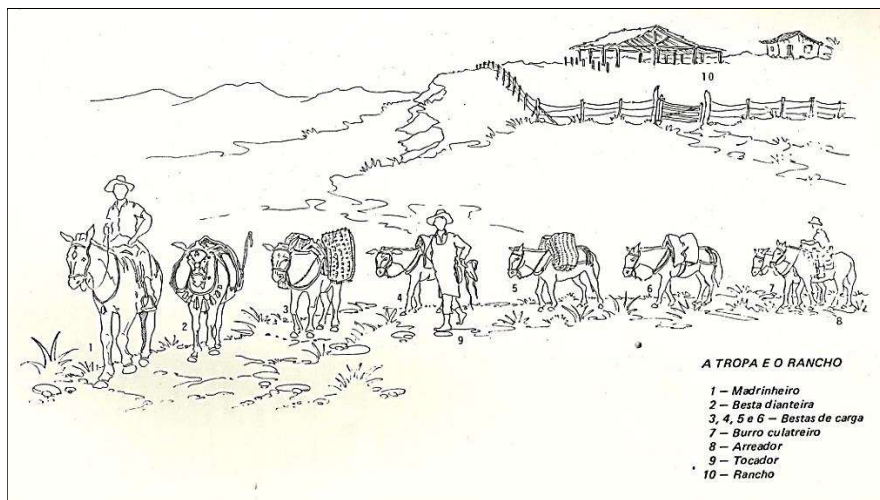
O Prefaciador José Hamilton Ribeiro relata que “a segunda parte do texto (que inclui um instrutivo glossário) se intitula **“O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba”**, escrito por Thereza e Tom Maia. Não se trata aqui de história calcada em livros, mas sim do testemunho rico, curioso, às vezes engraçado, de pessoas que vivenciaram o tropeirismo na linha da Via Dutra. Vai da constituição da tropa (e até de antes) à qualidade dos mares, sua cor, aos trajetos, a jornada dia a dia, o comer (... e não era só feijão tropeiro), o dormir, as conversas, a diversão, as estórias e os causos, o jogo do truço, as funções de cada um na comitiva, a posição de cada homem na marcha.”



O livro é ricamente documentado **com desenhos de Tom Maia**, registrando os apetrechos usados pelos tropeiros, desde como preparar o burro ou a mula para o trabalho, com detalhes e explicações, a culinária tropeira e até o linguajar valeparaibano. Como exemplo temos o “passar um pito” em alguém, como forma de repreensão ou obediência.



O pito, na realidade, é um “instrumento de ferro com que se aperta a ponta do focinho de um animal mais bravo, para que ele se deixe ferrar, e obedecer”. Registra ainda o burro na literatura oral, expressões, nomes dos animais e a medicina tropeira, vinda da época em que não existiam veterinários.



O registro se desenvolveu por mais de três anos, pelos municípios de São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Cunha, Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal, região que, em sua maior extensão, é distante da rodovia Presidente Dutra e da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Thereza e Tom Maia.

Nota: Desenhos de Tom Maia, do livro “O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba” – Prêmio Silvio Romero -1980.